

CONJUNTURA

Para Haddad, País está imune ao ataque externo

Diretor-superintendente do Banco Garantia nega risco de crise e não vê problemas no câmbio

NILTON HORITA

O diretor-superintendente do Banco Garantia, Cláudio Haddad, afirma que o Brasil não oferece condições para se tornar palco de um ataque especulativo patrocinado por megaespeculadores internacionais. Segundo ele, crises no Brasil só acontecerão mediante disposição dos investidores nacionais em sair do País. Ocorreria de dentro para fora, e não de fora para dentro. E este não é o caso atual. "Estamos bem e há tem-

po suficiente para manter o câmbio, sem problemas", diz. Poucas vezes o dirigente do Garantia se mostrou tão positivo em relação ao futuro da economia do País. Ele afirma que o Brasil está às vésperas de receber um intenso fluxo de investimento do exterior. No momento, diz, a fase é de consolidação da reestruturação econômica. Abaixo os principais trechos da entrevista.

● Ataque especulativo — Nessa fase de abertura e globalização, criam-se inúmeras oportunidades, mas, por outro lado, também surgem mais riscos. Muita gente fala que a globalização deixa os países mais vulneráveis. Se o País não quiser se tornar mais vulnerável, é

só proibir o ingresso de capital estrangeiro. Tudo bem, deixa de ser vulnerável mas perde o benefício do capital estrangeiro. É a mesma coisa de quando descobriram as Américas. Houve muito mais acidentes com navios, mas o mundo inteiro melhorou. Na verdade, os países ficam mais vulneráveis de acordo com o grau de gerência econômica.

Portanto, fazer um ataque especulativo contra o Brasil é complicado. Acho que um risco contra a moeda brasileira, se houver, virá de uma situação que será vista pelos brasileiros como perigosa. Poderia desencadear uma corrida de dólares por parte dos investidores nacionais. Acho muito difícil na situação atual qualquer gran-

de ou mega especulador mundial montar um ataque contra o Brasil.

Em renda fixa, por exemplo, quem estava aqui já saiu. Em ações, se quiserem sair, vão perder muito do capital. Pode ha-

ver problemas de não rolagem de eurobônus, mas isso, ao longo do tempo, não se trataria de um ataque especulativo concentrado. Na Ásia havia liberdade de câmbio,

embora eu não ache que é ruim por dar margem ao ataque especulativo, mas, realmente, não há instrumentos para ataque especulativo.

● Balanço de pagamentos — Não vejo a situação de forma alarmista. Sem dúvida, o financiamento do balanço de pagamentos desse ano está total-

mente assegurado e o de 98 também. Muito em função das privatizações, concessões e investimento direto. Se projetarmos uma tendência para 99 concluiremos que, colocando hipóteses sobre

importações e exportações dentro do que vem acontecendo nos últimos três anos, precisaremos de números muito elevados de financiamento pa-

ra garantir a estabilidade das reservas. Mas isso não significa que ficará impossível obter esses financiamentos.

● Juro internacional — Tivemos anos de situação externa totalmente favorável. Se isso se mantiver, vai continuar fluindo dinheiro para o Brasil. Nesse sentido, o primeiro fator a ser considerado é a liquidez do mercado internacional, nível da taxa de juros e assim por diante.

E não há nada que de agora em diante nos faça crer que em 99 a taxa de juros internacional vai estar maior ou menor. Não há nada que nos faça indicar que a liquidez internacional em dois anos vai estar mais apertada ou não.

**BANQUEIRO
MANTÉM-SE
OTIMISTA COM
FUTURO**

122